



OUTROS MARES

EDUCAÇÃO, ARTE E CULTURA COM E PARA CRIANÇAS PERIFERIZADAS



REALIZAÇÃO:



OUTROS MARES

EDUCAÇÃO ARTE E CULTURA COM E PARA CRIANÇAS PERIFERIZADAS

UMA PRODUÇÃO DO
INSTITUTO TRÊSMARES,
IARA ANDRADE DE OLIVEIRA
E LUIZA BARBOSA PORTO LIMA
FORTALEZA - CE, 2021

APOIO:

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI
ALDIR
BLANC
DE EDUCAÇÃO CULTURAL
CEARÁ



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria de Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO





DE
ONDE
VEM

ESSE **LIVRO** SURGE DE UMA
INQUIETAÇÃO DE **COMPARTILHAR**

A mais de cinco anos o Instituto Trêsmares atua com crianças e adolescentes no bairro Serviluz, em Fortaleza -CE. Esse livro é a materialização da expansão de partilha desse processo. Nossa atuação, desde o início, é realizada vinculando iniciativas culturais, artísticas e educativas com as temáticas de direitos humanos. Trabalhamos com as crianças apresentando temas complexos de forma lúdica e divertida para que assim possamos juntas construir uma cultura de respeito às diversas formas de existir.

Foram muitas as atividades que desenvolvemos durante esses cinco anos. Todas as nossas produções são criações e adaptações da nossa equipe, que é formada majoritaria-

mente por psicólogas e estudantes de Psicologia. Isso vem ocorrendo ao longo desses anos pois, normalmente, o material que encontramos para trabalhar arte, cultura e educação com crianças, contextualizam um outro tipo de infância, que não contempla contextos periferizados, muito menos do nordeste do Brasil.

Diante disso, realizamos uma pesquisa que sistematizou parte desse material produzido durante os cinco anos de existência do Instituto Trêsmares. Assim, essas atividades desenvolvidas para e com crianças periferizadas, que têm como propósito promover os direitos humanos, combater preconceitos raciais, de gênero, contra pessoas com deficiência e valorizar identidades periferizadas,

poderão ser organizadas por temática e categorias. Nessa sistematização, também, serão apresentados objetivos de cada atividade, materiais necessários, modo de facilitar as atividades educativas, artísticas e culturais, além de fotos e ilustrações que relacionam-se aos conteúdos escritos.

Tudo começou em 2015, quando nasceu o Projeto de Vida Titanzinho. O que era inicialmente uma atuação pontual de psicólogas e estudantes de Psicologia, cresceu e virou uma ONG que atua de forma contínua com formação de grupos de crianças, adolescentes e mulheres em diferentes espaços do bairro Serviluz, em Fortaleza. Ao longo do tempo, as atividades foram se ampliando, pas-

sando a ser em diferentes dias da semana e incluindo diferentes inserções sociais. Atualmente, o projeto possui uma forte parceria com a Associação de Moradores do Titanzinho e faz parte do conselho gestor da Zona Especial de Interesse Social do bairro. Atualmente o Instituto Trêsmares possui quatro grandes frentes de atuação: o Projeto de Vida Titanzinho, Conselho Gestor da ZEIS SERVI-LUZ e Coletivo MarMulher.

O Projeto de Vida Titanzinho ocorre em formato de oficinas, com eixos temáticos de direitos humanos, projeto de vida e orientação profissional, por meio de dinâmicas de grupo, trabalhos com arte, palestras e atividades de campo realizadas em diferentes espaços do bairro e da ci-

dade. Cada oficina contempla, aproximadamente, 15 crianças e adolescentes, pela qual passaram cerca de 100, durante esses 4 anos.

Através do contato com diferentes grupos que atuam de maneira mais aproximada com as pautas de direitos humanos, o projeto foi se reposicionando no bairro e desenvolvendo novas atuações. Até o ano de 2020, o Instituto Trêsmares fez parte, também, do Conselho Gestor da Zona Especial de Interesse Social – ZEIS SERVILUZ, tendo sido eleito por moradores do bairro como representante de uma Organização da Sociedade Civil Suplente. Dessa maneira, atuando não só com a conscientização de crianças e adolescentes a respeito de seus direitos e perspectivas

de futuro, mas, também, participando de maneira efetiva na luta pela moradia digna e está na frente de resistência com os moradores do bairro.

Junto com esse crescimento, sentimos a necessidade de atuar também com as mulheres do bairro e, em maio de 2019, nasceu o MarMulher. Essa atuação tem como objetivos principais construir, por meio de um coletivo de mulheres, autonomia, formação de rede de apoio e o autoconhecimento entre mulheres. Para isso, são realizadas oficinas manuais permeadas por rodas de conversas e dinâmicas que envolvam assuntos pertinentes para as mulheres.

O nome “Trêsmares” vem de uma modalidade de pesca que ocorre na Praia do Vizinho no Serviluz em que

se usa uma rede enorme, que precisa da ajuda de várias pessoas para ser puxada. A rede pode ser jogada três vezes ao dia e quem ajuda a puxar a rede recebe uma parte da partilha do peixe. É com esse espírito de produção coletiva e colaborativa que nossa ONG foi nomeada, buscando produzir ao longo dos dias e com a ajuda de todos vocês para puxar essa rede! Quem quiser construir com a gente ou saber mais detalhes sobre nosso trabalho é só entrar em contato através do facebook ou instagram @instituto-tresmares ou pelo email institutotresmares@gmail.com.



PARA
QUEM

Esse livro será destinado a educadores, do ensino formal ou informal, e pessoas em geral que realizem atividades educativas, artísticas e culturais com crianças em situação de pobreza.

As propostas aqui encontradas podem apresentar regionalismos e levam em consideração contextos específicos de vulnerabilidade social, abordando o cenário do litoral do Nordeste brasileiro. Este livro é aplicável para contextos de vulnerabilidade em qualquer região do Brasil, mas se dedica a ser uma produção feita por e para nordestinas(os), tendo em vista a grande quantidade de produções destinadas a contextos de privilégio social e que contemplam, principalmente, o sul e sudeste brasileiro.



**QUEM
FAZ
PARTE**

AUTORAS:

IARA ANDRADE

Iara é nascida e criada em Fortaleza, psicóloga social e co-criadora do Instituto Trêsmares. Gosta de trabalhar com arte e cultura, se aproximou do Serviluz por meio do surf e ao longo dos anos foi descobrindo diversas atuações culturais no local. Além dessa atuação é pesquisadora e doutoranda no curso de pós-graduação de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

LUIZA BARBOSA

Multiquasista, Luiza tem afinidades com diversas linguagens artísticas mas não se dedica especificamente a nenhuma. Cearense com sangue do Piauí, é pesquisadora, psicóloga social e brincante. Atualmente, é mestranda em Psicologia Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Norteada por seus valores sócio-ético-políticos tem sido diretora do Instituto Trêsmares desde 2018.

ILUSTRADORES E ILUSTRADORA:

BRUNO RIBEIRO

Bruno Ribeiro assina seus trabalhos na rua como Spote. Com 11 anos de idade teve seu primeiro contato com o Graffiti, seus trabalhos com arte urbana se diversificaram muito ao longo desses quase 20 anos. Spoteink como também é conhecido já participou de diversos encontros de graffiti como só letras, encontro nordestino de graffiti, mega mural e ainda em exposições coletivas e fes-

tivais culturais como a mostra sesc cariri e além da rua, maloca festival e também festivais de arte urbana como festival concreto, semana do graffiti de Fortaleza e bienal do graffiti. Siga o instagram @spote_ink para acompanhar seu trabalho.

BRUNO FERREIRA

JAMBO, tem 19 anos, mora no Serviluz, litoral Leste de Fortaleza. Conheceu o Graffiti por um projeto

(Serviluz das Artes) que aconteceu no bairro, e entrou fundo no universo da rua em 2019. Desde então vem marcando os muros com trabalhos baseados em misturas de criaturas marinhas oriundas da praia do Titanzinho. Uma das suas principais criações é o famoso “Peixe Galo”. Também faz ilustrações, tatuagens, pinturas digitais e esculturas. Siga o instagram @bf_jambo para acompanhar seu trabalho.

PALOMA PAJARRITO

Paloma Pajarito é mulher, moradora do Serviluz, mãe, de etnia fulni-ô. É formada em Artes Visuais, gosta de escrever, desenhar, trabalha com ta-

tuagem e faz mil correções para sobreviver. Gosta de pedalar pelo bairro e de tomar banho de mar. Siga o instagram @palomapajarito para acompanhar seu trabalho.

ELIAS SILVA

Kong Silva, grafiteiro e ilustrador cearense, Morador do bairro Serviluz, tem 26 anos e está há 12 anos no grafite é fundador da NK CREW - (NINJAS KINGS). Seus personagens têm fortes influências vindas do surrealismo e psicodelia. Siga o instagram @kong.silva para acompanhar seu trabalho.

FOTÓGRAFOS:

DAVI PINHEIRO

Davi nasceu no Crato e foi criado em Fortaleza - CE. Trabalha como fotojornalista e documentarista há mais de 15 anos e tem trabalhos realizados para a Reuters, O Globo e SESC. Registra as atuações do Instituto Trêsmares desde 2018. Siga o instagram @davi.pinheiro para acompanhar seu trabalho.

WESLEY COSTA

Wesley é estudante de Educação Física e fotógrafo nas horas vagas. Foi fotógrafo do Projeto de Vida Titanzinho durante um ano e gosta sempre de acompanhar a atuação do Instituto Trêsmares. Siga o instagram @o_wesleycosta para acompanhar seu trabalho.

AUDIODESCRITORAS:

ANDRESSA PONTES

Andressa é uma cearense que acredita na potência das artes, da atuação comunitária e do trabalho coletivo. É estudante de Psicologia na Universidade Federal do Ceará (UFC) e voluntária no Instituto Trêsmares desde 2020.

JADE ARRAIS

Nascida em Belém do Pará, hoje reside em Fortaleza, e é a mistura de todos os lugares que já viveu. Estudante de psicologia na Universidade de Fortaleza e Arteterapeuta em construção, enxerga a arte como possibilidade de transformação. Crescendo com o Instituto Trêsmares, desde 2019, aflora sua criatividade e comprometimento por acreditar que o futuro é coletivo.

DIAGRAMADOR:

DANIEL FIRMINO

É Designer Gráfico e Artista Visual. Faz trabalhos de comunicação visual, diagramação e projeto gráfico para editoras, projetos sociais, escritoras e coletivos. Coordena alguns projetos da Livro Livre Curió e é o criador do projeto VISADXS - Visibilidade, Leitura e memória.

Para mais informações entre em contato danielbrafir@gmail.com ou via Instagram [@danielfirminx](https://www.instagram.com/danielfirminx)

AGRA
DE
CI
MEN
TOS



Com muito carinho e reconhecimento por todas as pessoas que já passaram pelo Instituto Trêsmares antes mesmo de nos formalizarmos enquanto Organização da Sociedade Civil, agradecemos a dedicação e o ato de sonharmos juntos, juntas e juntas com a possibilidade de um projeto político, coletivamente construído, que se opõe à toda forma de injustiça e desigualdade. Em ordem cronológica de passagem, agradecemos à Letícia Kretzmann, Marina Simeão, Paula Autran, Lana Soares, Priscila Parente, Lygia Gomes, Lucas França, Carol Ary, Jade Arrais, Natália Barreto, Thaisa Maia, Andressa Pontes, Thais Nunes, Cecília Gomes, Deborah Gonçalves, Aline Moraes, Nicole Saboya,

Carlos Eduardo Oliveira, Ideoclécio Andrade e Maria Vitória Passos.

Em especial, gostaríamos de agradecer aos moradores e moradoras do bairro Serviluz, que nos ensinam, no dia-a-dia, sobre a potência da união, resistência e autonomia do povo. À Pedro Fernandes, Joseane Damasceno, Deizy Souza, Jardel Felipe, Priscilla Sousa, Dudé Araújo, Dudu Souza, André Luiz, Georgiane Carvalho, Valéria Pinheiro, Sabrina Araújo e Deisimer Gorczewski o nosso muito obrigada por nos fazer acreditar em outras formas de ser e estar no mundo e apoiar as tentativas de colocá-las em prática.

Agradecemos às famílias atendidas pelo Instituto por nos permitirem fazer parte da construção da identi-

dade dos seus filhos e filhas; à Associação dos Moradores do Titanzinho e à Comissão Titan por apoiarem os nossos movimentos e somarem às mobilizações e organizações; às escolinhas de surf do Fera, Duda Carneiro e Associação da Boca do Golfinho por ter nos sediado ao longo da nossa atuação; e a todas as pessoas que deixaram um pedaço de si para compor o que hoje é o Instituto Trêsmares.

Por fim, e principalmente, agradecemos às crianças e jovens que constroem o Instituto Trêsmares conosco:

Alessandra Barbosa, Ana Gabriela Ferreira, Ana Karolaine da Silva, Anderson Rodrigues, Arthur Lavor, Beatriz Gomes, Crislane de Oliveira, Cynthia dos Santos, Danilo Matos,

Davi Ferreira, Denilson Nunes, Edilânia Araújo, Ellen Félix, Emilly Rodrigues, Francisco Alexandre Souza, Ícaro Davi de Souza, Isabela Vilany, Isael de Castro, Isael Ribeiro, Isaqueiel Ribeiro, João Vitor de Castro, João Ycaro de Castro, Jordan Thailon, Juan Rodrigues, Kauan Santos, Kauan Alves, Karen Yasmin, Kelly de Oliveira, Laura Calandrini, Letícia Calandrini, Livia Braga, Manoel Leôncio, Maria Eduarda de Sousa, Maria Gabriela, Mariane dos Santos, Mathias Marques, Miguel Fernandes, Paulo Henrique de Sousa, Renê Marques, Samanta Barbosa, Vitor Amaral, Vitor Ferreira, Vitória Ferreira, Wendel Medeiros, e todos(as) outros(as) que já passaram pelo Projeto de Vida Titanzinho.

Especificamente em relação a essa construção coletiva desse livro, agradecemos aos ilustradores Bruno Spoteink, Jambo e Kong, a ilustradora Paloma Pajarrito, aos fotógrafos Davi Pinheiro e Wesley Costa, às audiodescritoras Andressa Pontes e Jade Arrais e ao diagramador do nosso livro Daniel Firmino.

Agradecemos também pelo apoio da Secretaria Estadual da Cultura e do Governo do Estado do Ceará que através do fundo estadual da cultura, com recursos provenientes da lei federal nº 14.017, de 29 de junho de 2020 financiaram esse projeto.

Assinado

Iara Andrade e Luiza Barbosa

INTEGRAÇÃO E FORMAÇÃO GRUPAL31

AdEUdonha	33
Chega mais.....	38
Baldinhos unidos, jamais serão vencidos!	42
'MímiqECA	48

DIREITO À LIBERDADE DE EXPRESSÃO53

Fala quem pode, escuta quem tem juízo! (Ou não).....	55
--	----

DIREITO À EDUCAÇÃO.....60

A escola é um universo..... 62

DIREITO À CIDADE66

TV Criança 68

Mapeando afetos..... 73

GÊNERO, RAÇA, CLASSE E SEXUALIDADE81

TeaTROCA..... 83

Não julgue o livro pela capa 88

IDENTIDADE93

Colorindo identidades 95

Lápis cores de peles 100

DIVERSIDADE ÉTNICA E CULTURAL DA POPULAÇÃO INDÍGENA..... 105

Onde estão os povos indígenas? 107

RESPEITO ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA 113

Palitinho das diferenças 115

Sozinho se vai mais rápido, junto se vai mais longe. 120

INCLUSÃO DIGITAL.....125

Inclusão digital do Instituto Trêsmares.....	127
Eu Nunca, Eu Já do(a) _____ (Insira aqui a localidade em que as crianças residem).....	130
Quem conta um conto, aumenta um ponto.....	133
Titã e ação.....	137
Movimento sem fio.....	140
Tiktan (Tiktok do Titanzinho).....	144

INTEGRAÇÃO

E FORMAÇÃO GRUPAL

DINÂMICA 1

ADEUDONHA

Objetivos:

- Integrar o grupo;
- Conhecer os participantes do grupo.

Faixa etária sugerida: 6 a 12 anos.

Materiais:

- Ficha personalizada (elabore uma ficha com perguntas sobre as crianças e deixe um espaço para desenhar);
- Lápis de cor/canetinhas/lápis de escrever/caneta esferográfica

Facilitação:

1. Vocês já jogaram adedonha? Hoje vamos jogar um jogo parecido a AdEUdonha! A Diferença é que nesse jogo nós vamos preencher essa ficha que vocês estão vendo e vamos colocando a partir dos números que surgirem. Olhem as perguntas da ficha e vocês vão entender porque o nome é AdEUdonha! (Leia as pergun-

tas em voz alta). Entenderam?

2. Agora, vamos jogar como se fosse uma adedonha, façam com as mãos os números. A-dEU-do-nhá!

3. Número 7! “Conte sobre suas preferências: pessoas”. Quem são as pessoas que vocês mais gostam? Escrevam no papel também. (No caso da nossa atividade o número 7 seria “Conte sobre suas preferências: pessoas”. Caso o número fosse 15, seria “Conte sobre suas preferências: comida”, pois a contagem retornaria ao início).

4. O que vocês acharam da atividade? Tem alguém que gosta das mesmas coisas que você?

Observações e Dicas:

A. A cada preenchimento as respostas devem ser comentadas e compartilhadas em grupo para que os participantes se conheçam e possam entender quem faz parte desse grupo.

B. Na nossa ficha colocamos a parte do desenho para que as crianças desenhasssem sobre o que o Projeto de Vida representava para elas, pois eram crianças que já integravam o grupo e estávamos retornando após as férias, mas para outros grupos ou grupos que estão se formando, podemos pedir que desenhem o que esperam para o grupo ou mesmo pedir que desenhem algo que as

representam, que seja “a cara delas”.

C. Caso o número de crianças seja muito alto podemos sugerir que a adedonha seja feita apenas com uma mão ou dividir o grupo em pequenos grupos em que cada um terá um representante a cada rodada para participar da adedonha.

D. Outra forma de realizar a atividade é pedir para que as crianças respondam os itens com apenas uma palavra e caso a numeração se repita elas possam colocar uma segunda palavra e assim sucessivamente.

E. A leitura dos itens de forma coletiva e explicativa antes do início da atividade pode ser uma ótima estratégia para organizar o grupo, veja na foto que apresentamos a ficha em uma projeção;

F. Lembre-se, o desenho é algo muito importante para essa atividade, então o apoio no momento do desenho e de expressão com essa ferramenta é essencial, deixe mais tempo para que as crianças façam o desenho.



Apresentação Projeto de vida Titanzinho

COMO VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO (A)? _____

CONTE QUAIS SÃO SUAS PREFERÊNCIAS:

COMIDA: _____

LUGAR: _____

COR: _____

MÚSICA: _____

FILME: _____

ESPORTE: _____

PESSOAS: _____

SUA MAIOR ALEGRIA: _____

SEU MAIOR SONHO: _____

O QUE DEIXA VOCÊ:

TRISTE: _____

FELIZ: _____

ANIMADO (A): _____

DESANIMADO(A): _____

FAÇA UM DESENHO DO QUE REPRESENTA O PROJETO DE VIDA PARA VOCÊ



Foto:
Davi Pinheiro, 2019

DINÂMICA 2

CHEGA MAIS

Objetivos:

- Integrar o grupo;
- Conhecer os participantes do grupo;
- Identificar afinidades entre participantes do grupo
- Instigar a aproximação com o outro de maneira delicada.

Faixa etária sugerida: 8 a 16 anos.

Materiais:

- Caixa de som
- Músicas divertidas
- Espaço de média mobilidade

Facilitação:

- 1.** Hoje nós vamos dançar! Vou colocar aqui uma música e quero ver quem sabe essa!
- 2.** De vez em quando, vamos parar a música e dar uma instrução para vocês. Vou dar play na música, mas prestem atenção nas instruções. Vamos dançar! Quero ver quem sabe essa dança! (Inicialmente deixe que as crianças dançam livremente para relaxarem o corpo por cerca de 3 minutos. Pare a música e dê uma instru-

ção, é interessante que as instruções sejam feitas em um intervalo de pelo menos 1 minuto para que as crianças possam circular no espaço).

3. Aperte a mão de quem tem a mesma inicial do seu nome!

4. Faça um toque de mão de sua escolha com as pessoas que têm a mesma idade que você!

5. Toque o quadril com a pessoa que está com a roupa da mesma cor que a sua!

6. Toque o pé da pessoa que faz aniversário no mesmo mês que você!

7. Encoste a cabeça com a pessoa que estuda na mesma escola que você!

8. Dê um abraço na pessoa que mora na mesma rua que a sua!

9. Como vocês se sentiram com

essa brincadeira? Teve alguma coisa que vocês não gostaram? O que vocês perceberam nessa brincadeira? Quem é a pessoa com quem vocês mais se parecem? E a que vocês menos se parecem?

Chega
mais!



Observações e Dicas:

A. Para realizar essa interação as crianças precisarão saber as características das outras. Assim, uma apresentação prévia pode ser feita antes de realizar essa atividade e você pode pedir para que as crianças se apresentem falando suas características (nome, idade, data de aniversário, escola, rua) ou durante a interação elas podem identificar essas características. A depender das relações já existentes entre as crianças, a estratégia de deixar que identifiquem as características dos outros durante a brincadeira pode ser mais interessante.

B. As instruções podem ser adaptadas para o contexto de cada um dos grupos e crianças. No caso da ativida-

de do Instituto Trêsmares, as crianças sabem a rua que as outras moram e suas escolas, em outros contextos podem ser acrescentadas ou retiradas instruções. Por exemplo, beije o rosto de uma pessoa que tem uma comida preferida igual a sua. As instruções devem seguir uma ordem de menor para maior contato físico, para que as crianças possam se sentir mais à vontade ao longo da brincadeira e para que entendam os diferentes níveis de contato.

C. Como a atividade utiliza da música e da dança, sugerimos a escolha de músicas já conhecidas pelas crianças e que façam com que elas se sintam livres para dançar, uma dica é investigar que músicas o grupo gosta de ouvir.

DINÂMICA 3

BALDINHOS UNIDOS, JAMAIS SERÃO VENCIDOS!

Objetivos:

- Trabalhar a cooperação entre o grupo.

Faixa etária sugerida: 8 a 16 anos.

Materiais:

- Dois baldes;
- Cordas;
- Cola;
- Bolas de papel ou limão/laranja

Facilitação:

1. Primeiro nós vamos montar esse objeto, que é um balde com cordas pregadas ao redor, as cordas devem ficar em uma distância parecida e o número de cordas vai ser o número de pessoas que temos aqui. Vamos nos ajudar a pregar que daqui a pouco a gente explica como é essa brincadeira.

2. Pronto! Agora que já pregamos, vamos esperar um pouquinho para

secar e já, já a gente confere se está firme. Pessoal, olhando para o que temos aqui, o que vocês acham que vamos fazer hoje? Temos esse balde, com cordinha e laranjas! (Tentar estimular a imaginação das crianças sobre o que pode ser o balde ou as laranjas e que outras coisas podemos fazer com esse material, a conversa é uma forma de incentivar a imaginação enquanto esperamos a cola secar).

3. Agora que a cola já secou, vamos poder fazer a brincadeira. Funciona assim, eu vou colocar as laranjas dentro do balde com as cordinhas e nós temos que colocar as laranjas nesse outro balde que está vazio. Cada um vai segurar em uma pontinha da corda e sem encostar no bal-

de a gente tem que executar a tarefa sem derrubar as laranjas do balde. Vamos lá? Como vocês acham que devemos fazer para conseguir?

4. O que vocês acham que a gente pode aprender com essa brincadeira? O que é que fez com que a gente conseguisse fazer a atividade? O que fez com que a gente não conseguisse fazer a atividade?



Observações e Dicas:

A. A depender do tempo disponível para realizar a atividade e da organização do grupo de crianças pode ser interessante já levar o balde com sua estrutura montada.

B. A ideia dessa atividade é que o grupo, de forma coletiva, consiga alcançar o objetivo proposto. Então, se o grupo não conseguir, a pessoa que está conduzindo a atividade deve estimular o grupo a tentar novamente até que o êxito seja alcançado para, em seguida, refletir sobre o processo.

DIREITOS
E DEVERES
DAS CRIANÇAS

DINÂMICA 4

MÍMIQUECA

Objetivos:

- Apresentar o debate de direitos e deveres da criança;

Faixa etária sugerida: 7 a 12 anos.

Materiais:

- Papel;
- Lápis de cor/canetinhas/lápis de escrever/caneta esferográfica;
- Previamente, deverão ser confeccionadas cartas que vão funcionar como disparadoras para a dinâmica da mímica. As cartas devem conter palavras-chave que simbolizem um direito ou dever assegurado pelo Estatuto da Criança e Adolescente. Exemplo: A palavra-chave é ÔNIBUS. Referente ao direito à liberdade de ir e vir, inscrito no Art. 16: “O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: I - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais”.

Exemplo 2: A palavra-chave é HOSPITAL. Referente ao direito à vida e à saúde, inscrito no Art. 7: “A criança e o adolescente têm direito à proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência”.

Facilitação:

1. Quem aí já brincou de mímica? Essa vai ser a nossa atividade de hoje.
2. Vamos dividir vocês em duas equipes. Qual o nome da equipe de vocês?
3. Um por vez, um(a) jogador(a) de cada equipe vai escolher uma carti-

nha e fazer a mímica para o seu grupo adivinhar. Então vamos lá!

4. (A cada palavra adivinhada, você deve explicar o que a cartinha está representando) - Isso é um direito ou um dever?

5. Por exemplo, escola! É um direito, ou um dever? Sim, é um dever, mas também é um direito. Todas as crianças têm o direito a ter uma educação de qualidade. Se vocês não estão matriculados na escola por falta de vaga, é um dever do governo oferecer escolas e vagas o bastante para que todas as crianças consigam estudar!

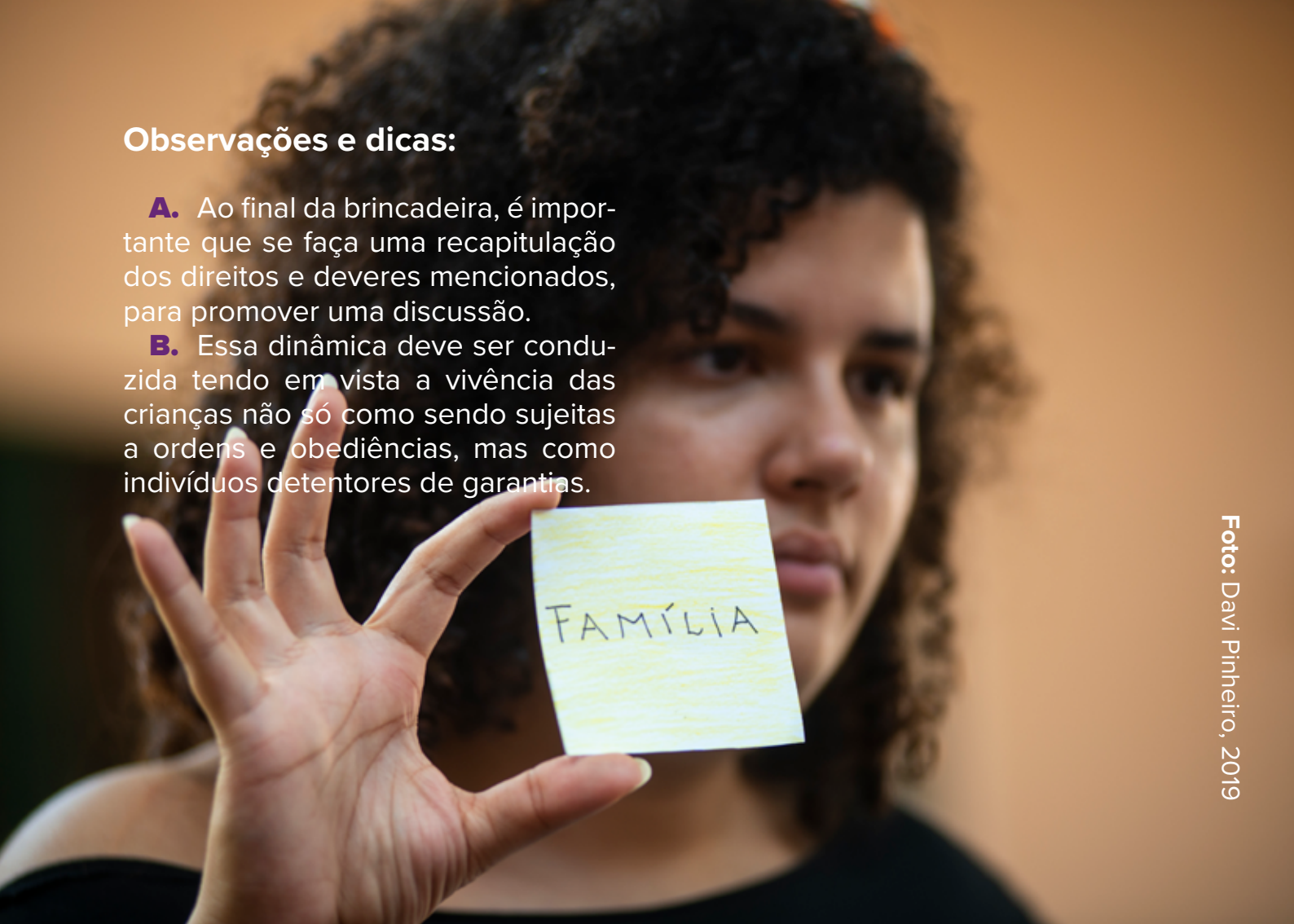


Foto: Davi Pinheiro, 2019

Observações e dicas:

A. Ao final da brincadeira, é importante que se faça uma recapitulação dos direitos e deveres mencionados, para promover uma discussão.

B. Essa dinâmica deve ser conduzida tendo em vista a vivência das crianças não só como sendo sujeitas a ordens e obediências, mas como indivíduos detentores de garantias.

A young woman with dark, curly hair is looking directly at the camera. She is holding up her right hand, palm facing forward, with a small, rectangular, yellow sticky note attached to her fingers. The word "FAMÍLIA" is written in black, uppercase letters on the sticky note. The background is a soft, out-of-focus orange-brown color.

FAMÍLIA

DIREITO
À LIBERDADE
DE EXPRESSÃO

DINÂMICA 5

FALA QUEM PODE, ESCUTA QUEM TEM JUÍZO! (OU NÃO)

Objetivos:

- Confrontar as dinâmicas de poder que estão inseridas no direito de fala;
- Incitar a discussão sobre liberdade de expressão.

Materiais:

- Espaço de média mobilidade
- Papel e lápis/caneta esferográfica
- Confeção prévia de tabuleiro baseado no jogo Imagem e Ação, contendo as seguintes informações: Saída/Chegada. Em algumas casas, sinalizar de forma escrita ou desenhada “Todos(as) Jogam” e “Todos(as) Jogam e Escolhe a categoria”.
- Confeção prévia de cartas divididas em 4 categorias: (P) Pessoa, (L) Lugar, (An) Animal, (O) Objeto, (Aç) Ação. As cartas devem conter palavras escritas referentes às categorias, sinalizando ao lado a qual categoria pertence . Por exemplo: Faustão (P), Paris (L), Cachorro (An), Surfar (Aç).

- Peças de jogo (peão/pino)
- Dado
- Ampulheta ou cronômetro.

Faixa etária sugerida: 8 a 17 anos

Facilitação:

1. Inicialmente, antes dos participantes chegarem, os(as) facilitadores(as) devem esconder um dado no espaço onde a dinâmica será realizada. Com o papel e a caneta, confeccionar uma placa com a seguinte frase: “Não vamos falar até vocês acharem um dado que está escondido nesse espaço”.

2. (Uma vez que o dado for encontrado, prosseguir com as instruções)

3. Hoje nós vamos jogar um jogo de tabuleiro. Vamos nos dividir em dois grupos: o grupo de facilitadores(as) contra vocês.

4. Uma pessoa representante de cada grupo vai, uma de cada vez, jogar o dado e mover o peão o número de casas correspondente ao que o dado cair. Se o peão cair na casa “Todos(as) Jogam”, o(a) jogador(a) vai fazer a mímica para qualquer pessoa adivinhar, inclusive do time adversário. Se cair em uma casa vazia, só as pessoas do seu grupo podem tentar adivinhar qual é a mímica que vocês estão fazendo.

5. Então, a gente vai usar mímica, mas tem um porém! O grupo de vocês não pode falar em nenhum mo-

mento. Para dar um palpite, vocês não vão poder falar, só podem escrever seus palpites no papel.

6. Estão prontos (as)? Prestem atenção no tempo!

7. Gente, agora que acabamos o jogo, o que vocês acham que é essa dinâmica? Como vocês se sentiram em não poder falar? E todas as pessoas foram afetadas igualmente por essa regra de não poder falar? Quem não foi? Porque?

Observações e dicas:

A. O tabuleiro pode ser confeccionado com papelão e caneta.

B. Os peões podem ser feitos com tampas de garrafa ou outro material reciclável.

C. Cada participante tem até 30 segundos para reproduzir a sua mímica e os outros adivinhem.

D. Os(as) facilitadores(as) devem exagerar no seu direito de fala para que fique explícita a discrepância entre o resto dos participantes que não podem falar.



DIREITO Á EDUCAÇÃO
DIREITO Á EDUCAÇÃO
DIREITO Á EDUCAÇÃO
DIREITO Á EDUCAÇÃO
DIREITO Á EDUCAÇÃO
DIREITO Á EDUCAÇÃ
DIREITO Á EDUCAÇ
DIREITO Á EDUCA
DIREITO Á EDUC/
DIREITO Á EDUC
DIREITO Á EDUC
DIREITO Á EDUC
DIREITO Á EDUC.
DIREITO Á EDUCA
DIREITO Á EDUCA
DIREITO Á EDUCAÇ
DIREITO Á EDUCAÇA
DIREITO Á EDUCAÇÃO
DIREITO Á EDUCAÇÃO
DIREITO Á EDUCAÇÃO
DIREITO Á EDUCAÇÃO
DIREITO Á EDUCAÇÃO



DIREITO
À EDUCAÇÃO

DINÂMICA 6

A ESCOLA É UM UNIVERSO

Objetivos:

- Conversar sobre as vivências das crianças no espaço escolar;
- Proporcionar reflexão sobre os direitos à educação;
- Conversar sobre reivindicações de direitos.

Faixa etária indicada: 8 até 16 anos.

Materiais:

- Papel;
- Lápis de cor e Canetinha;
- Cola ou Durex;
- Tesoura.

Facilitação:

- 1.** Gente, me digam uma coisa, como é que é para vocês ficar sem ter aula, não ter mais o espaço da escola e ter seus familiares ensinando? Vocês sentem falta da escola? Mas qual o motivo? O que é que tem de bom na escola? O que é que tem de ruim na escola?
- 2.** Pois gente, pra a gente conseguir entender melhor sobre a escola de todo mundo que está aqui, vamos

montar hoje uma maquete! Vocês sabem o que é uma maquete? (explicar e/ou mostrar imagens)

3. Pronto, agora que todo mundo sabe o que é uma maquete, se reúnam em grupos de acordo com as escolas que estudam. Agora vamos fazer as paredes da maquete, para isso precisamos grudar cinco folhas formando um “X”. Essa folha do meio é o chão e as do lado as paredes.

4. Agora vamos fazer a parte de fora da escola. Quais são as cores dos muros? O que tem escrito? Tem janelas? Vamos lá!

5. Agora a parte de dentro. Assim que a gente entra, o que é que tem na escola? Tem quadra? Tem horta? Tem escada? A gente pode também adicionar paredes usando outras folhas

de papel para fazer divisões dentro.

6. Pronto! Agora que todos os grupos já terminaram, apresentem a escola de vocês para a gente!

7. Nós vimos que vocês apresentaram alguns problemas da escola enquanto falavam sobre ela, de quem vocês acham que é a responsabilidade de resolver esses problemas? Como será que podemos cobrar?

Observações e Dicas:

A. Caso todas as crianças estudem na mesma escola, mesmo assim, é interessante realizar divisões de grupos e ver como cada uma irá representar a mesma escola.

B. Caso alguma criança estude sozinha em uma escola é interessan-

te que um(a) facilitador(a) ajude na construção da maquete.

C. Uma temática que também pode ser inserida das discussões é sobre como os(as) estudantes podem contribuir para que o ambiente da escola seja um ambiente mais agradável e introduzir, também, o assunto sobre a responsabilização de cada um cuidar de um espaço que é coletivo.

D. É importante que o grupo de facilitadores(as) compreenda sobre as responsabilidades das prefeituras, dos estados e da federação em relação aos âmbitos de educação, para conseguir instigar um debate produtivo acerca da reivindicação de direitos.



DIREITO **À CIDADE**

DINÂMICA 7

TV CRIANÇA

Objetivos:

- Compreender a relação entre os direitos humanos e os problemas relacionados com a cidade;
- Vivenciar espaços públicos;
- Elaborar um produto audiovisual ou teatral.

Faixa etária sugerida: 8 a 16 anos.

Materiais:

- Papel;
- Lápis ou Caneta esferográfica;
- Para produção audiovisual: celulares;
- Para produção teatral: caixas de papelão, que simulam câmaras de filmagem e objetos que simulam um microfone.

Facilitação:

- 1.** Hoje vamos fazer nosso próprio jornal! Vamos entrevistar pessoas nas ruas e para isso nosso primeiro passo vai ser criar perguntas.
- 2.** O nosso jornal vai falar sobre os direitos humanos, então, vamos juntos lembrar quais são os direitos que

temos para pensarmos nas nossas perguntas! Nós temos, por exemplo, direito à educação, lazer e moradia. Quais outros direitos vocês lembram?

3. Agora vamos pensar nas perguntas para que a gente descubra o que as pessoas acham sobre esses assuntos.

4. Quais foram as perguntas que vocês pensaram? Vamos escolher 5 ou 10 perguntas para fazermos para as pessoas na rua. Anotem as perguntas para não esquecer.

5. Agora vamos para a rua perguntar para as pessoas. A gente pode se dividir em grupos de quatro pessoas e ir em direções diferentes para não fazer as mesmas perguntas para as mesmas pessoas. Cada grupo vai com um adulto para não se perder.

Vamos?

6. Lembrem de explicar a atividade para as pessoas nas ruas e anotar as respostas dos(as) entrevistados(as). Expliquem que essa é uma atividade de um projeto que quer entender como as pessoas percebem sua cidade.

7. Agora que todo mundo já fez 5 entrevistas vamos ver o que as pessoas responderam!

8. Então, vamos fazer o roteiro do nosso jornal. Quais foram as respostas que vocês acharam mais legais? Quais as respostas que chamaram mais a atenção de vocês?

9. Vamos escolher quem vai ser qual personagem! Quer ser o entrevistador? Quem quer responder essa pergunta? Qual vai ser o nome do jor-

nal? Quem quer fazer a apresentação do introdução?

10. Já podemos começar a gravar! Vamos fazer silêncio para que o celular pegue o som da fala das pessoas que estão sendo entrevistadas. Ação!

Adaptação:

Caso não seja possível gravar o jornal com o celular, podemos adaptar a atividade para uma encenação, utilizando caixas de papelão e objetos variados que simulem câmeras e microfones.

Observações e Dicas:

A. Para facilitar a elaboração das perguntas, as crianças podem ser

estimuladas a pensar em problemas sociais e da cidade. Exemplo de perguntas criadas pelas crianças foram: (a) “O que vocês acham das pessoas que não têm nada para comer e como melhorar isso?”; (b) “O que você acha do Projeto Minha casa, minha vida?”; (c) “O que você acha das praças do Serviluz (bairro)?”; (d) “Você acha que precisa melhorar os postos de saúde do bairro?”; (e) “O que você acha das religiões diferentes da sua?”.

B. Respeite a espontaneidade das crianças, caso elas queiram responder as perguntas de forma livre e partindo de suas opiniões no momento da interpretação ou gravação do jornal.

C. A produção de microfones e câmeras de papelão e objetos alternati-

vos pode ser feita em uma atividade anterior em que as próprias crianças confeccionam os objetos.

D. Caso o jornal seja gravado em celular, mostre para as crianças como a gravação será feita e estimule que elas mesmas gravem.

E. Para conteúdos gravados, depois da atividade, um vídeo deverá ser editado e apresentado para as crianças no encontro seguinte. Algo que torna ainda mais divertido o vídeo é apresentar também um final, com erros de gravação.

F. Veja nossa produção em: https://www.youtube.com/watch?v=6e-ZjrmrlqT8&t=29s&ab_channel=ProjetodeVidaTitanzinho



Fotos: Davi Pinheiro



DINÂMICA 8

MAPEANDO AFETOS

Objetivos:

- Compreender a relação das crianças com o seu território;
- Identificar símbolos do território para o grupo;
- Entender a apropriação dos espaços para as crianças.

Faixa etária sugerida: 8 até 16 anos.

Materiais:

- Papel;
- Lápis ou Canetas esferográficas;
- Mapa impresso ou desenhado (tamanho sugerido: 1x1) do bairro/ território.

Facilitação:

- 1.** Hoje nós vamos brincar de encontrar pontos no mapa, vocês sabem de onde é esse mapa? Tem alguma coisa aqui que vocês conhecem?
- 2.** Pois é, esse é o mapa do bairro em que vocês moram e a gente vai fazer algumas brincadeiras com isso. Primeiro, cada um(a) vai escolher uma cor de lápis para representar você. Podem escolher, mas não podem re-

petir a cor. Pronto, agora a gente vai criar uma legenda para esse mapa, para saber quem tem cada uma das cores. A legenda vai ser um quadradinho com a cor e do lado o nome de quem está com essa cor.

3. Já que a gente está sabendo que esse é o mapa do bairro e a gente está dentro do bairro, onde é que a gente tá aqui? Quem é que acha no mapa esse lugar em que nós estamos?

4. Agora a nossa brincadeira vai ser assim, vamos procurar onde estão as casas de vocês. Quem achar onde é sua casa fala para todo mundo saber e desenha uma casinha no mapa no local em que ela está. Vamos procurar juntos!

5. Já que todo mundo achou sua casa, agora queremos que vocês digam qual é o lugar que vão com mais frequência no bairro? Pronto, mas porque você vai tanto nesse lugar? Ah sim, entendi. Agora marquem com uma estrelinha esse lugar.

6. E esse lugar que vocês vão com mais frequência, também é o lugar preferido de vocês? Se for, circula onde você já fez a estrelinha, se não, circula que lugar é esse.

7. E onde fica a escola de vocês? Pronto, vamos desenhar um livro na escola. Agora que todo mundo já se encontrou no mapa, tem algum lugar desse mapa que vocês acham especial e gostariam de apresentar para pessoas que não moram aqui? Qual o nome desse lugar?

Foto: Wesley Costa em 2017



8. Agora pessoal, vamos dar uma volta no bairro, vamos fazer uma trilha. Que percurso a gente deve seguir e onde vamos terminar? Queremos conhecer esses lugares especiais que vocês falaram.

9. Pronto. Agora que a gente já sabe o caminho, vamos lá para nossa trilha! (Fazer caminhada pelo bairro)

Fotos: Wesley Costa em 2017



Observações e Dicas:

A. Essa proposta foi baseada no método de mapas afetivos desenvolvido pela Professora Zulmira Bonfim, da Universidade Federal do Ceará (UFC). A ferramenta inclui outras intervenções e formas de atuação. Indicamos a leitura de livros e artigos da professora.

B. No mapa, outras perguntas podem ser acrescentadas, por exemplo: “O que você acha que não tem no bairro mais deveria ter?” ou “Qual o local que você menos gosta do bairro?”. De acordo com cada grupo, perguntas específicas podem ser pensadas.

C. Uma atividade legal para fazer

também é identificar o que falta no bairro, como as crianças gostariam que o bairro fosse e pedir para que elas expressem em forma de desenho. Na sequência uma roda de conversa pode ser feita para debater os assuntos que surgiram.



Foto: Wesley Costa em 2017

GÊNERO,
RAÇA, CLASSE
E SEXUALIDADE

DINÂMICA 9

TeaTROCA

Objetivos:

- Perceber a importância do limite da expressão, considerando o próximo (Eu, com o mundo)

Faixa etária sugerida: 7 a 12 anos.

Materiais:

- Espaço de média mobilidade para criação de cenário
- Objetos à disposição para incorporar à cena

Facilitação:

1. Na brincadeira de hoje vocês vão ser (os) os diretores(as) do nosso filme!

2. Nós vamos interpretar uma cena e vocês vão mudar, de acordo com o que vocês acham que é necessário. Se vocês concordarem com o que estiver acontecendo em cena, deixa rolar. Se não, vocês dizem TROCA! E dizem pros(as) atores(atrizes) o que deve ser mudado na cena para que a gente atue novamente, fazendo as modificações indicadas por vocês (Interpretem as cenas).

3. Agora que já fizemos todas as cenas, vamos conversar um pouco sobre as interpretações e o que vocês mudaram. Porque vocês mudaram?

Observações e dicas:

A. As cenas representadas devem conter situações de preconceito contra minorias sociais, ou seja, grupos que sofrem exclusão social. Podendo ser adaptada para o grupo social de preferência a ser abordado.

B. O uso de objetos não é obrigatório, se forem necessários para a cena, podem ser simulados através da mímica.

C. Notícias de jornais podem ser boas fontes para pensar na criação das cenas, utilizando casos recentes como exemplo.



Exemplo de cena:

Um jovem negro de 17 anos entra em loja de roupas em um shopping em área nobre da cidade. O rapaz veste bermuda, camisa regata, chinelo de dedo e uma pochete. Ao solicitar atendimento, a vendedora o ignora, vai para trás do balcão e começa a mexer no computador. O jovem vai até o balcão e pergunta o preço de uma camisa, ao que a vendedora responde “Essa não tá na promoção, talvez você ache roupa dentro do seu orçamento na loja lá de fora, em frente ao shopping”. Quando o rapaz se afasta, a vendedora comenta com o segurança: “Fica de olho nesse moleque, ele tem cara de quem vai es-

conder roupa na bolsa”. Uma outra cliente, de 23 anos, pele branca e cabelo loiro entra na loja vestindo short, camisa e chinela baixa. A atendente sai de trás do balcão e pergunta: “Em que posso ajudar?”



Foto: Davi Pinheiro em 2019

DINÂMICA 10

NÃO JULGUE O LIVRO PELA CAPA

Objetivos:

Discutir estereótipos e como eles se baseiam em pré-julgamentos que acabam incentivando atos de discriminação.

Faixa etária sugerida: 7 a 15 anos

Materiais:

- Papel com uma silhueta desenhada para cada participante
- Material para desenhar/colorir (Podendo ser lápis, canetinha, caneta e etc.)



Foto: Wesley Costa em 2017

Facilitação:

1. Nós vamos preencher esse corpo nos papéis que vocês receberam.
2. Cada um de vocês vai escolher um “tipo” de pessoa diferente para desenhar.
3. Escolham entre: pessoa boa, pessoa má, ladrão, atleta, pessoa com deficiência (Inserir outros grupos sociais que os(as) facilitadores(as) acharem cabíveis).
4. Agora que vocês terminaram de desenhar. Contem pra gente um pouco sobre o seu desenho. Porque você pensa nessa pessoa que você desenhou quando imagina alguém mau? Você conhece alguém que se pareça com o seu desenho? O que

faz a pessoa do seu desenho ser má? (Abordar a discussão entrelaçada aos temas de gênero, classe e raça, a depender do que os desenhos trouxeram à tona).

Observações e dicas:

- A. Para alimentar o debate, sugerimos o vídeo “Diversidade & Inclusão - O amor não tem rótulos”, disponível no YouTube.



Foto: Wesley Costa em 2017

IDENTIDADE

DINÂMICA 11

COLORINDO IDENTIDADES

Objetivos:

- Refletir sobre diversidade e identidade

Faixa etária sugerida: 7 a 12 anos

Materiais:

- Espelho
- Folha de papel
- Lápis de cor/canetinhas/lápis de escrever/caneta esferográfica
- Livro/vídeo que fomente a contação de história
- Pedacos de tecido para cobrir os olhos de cada criança



Foto: Davi Pinheiro em 2019

Facilitação:

1. Hoje nós vamos ouvir a contação do livro/vídeo _____!

2. (Após a contação) - O que vocês acharam da história? Sobre o que ela fala?

3. (Discussão sobre identidade, bullying e preconceito) - Então agora a gente vai fazer uma brincadeira! Vamos vendar vocês. Não vale enganar, vocês não podem ficar vendo.

4. (Após vendar as crianças) - Agora vocês vão andar pelo espaço e tocar uns nos outros, no rosto, nas orelhas, nos braços, nos ombros. Quando você achar alguém que parece exatamente como você, com os traços iguais, você vai parar ao lado dela e fazer uma dupla.

5. (Dar um tempo para que as crianças experimentem) - E aí, não encontraram ninguém? Não tem ninguém exatamente igual a você aqui no espaço?

6. (Discussão sobre alteridade/direito à diferença) - Agora nós vamos colocar no papel as nossas diferenças! Se olhando nesse espelho, vocês vão desenhar exatamente o que estão vendo. Os sinais, o cabelo, colorir com a cor de pele de cada um, celebrando as diferenças!



Foto: Davi Pinheiro em 2019

Observações e dicas:

A. Alguns livros que podem funcionar para essa dinâmica são: “Meu crespo é de rainha” (Bell Hooks); “Amoras” (Emicida); “ De Onde nascem as Flores” (Anna Charlize e Daniel Inae).

B. A brincadeira também pode ter como base um material audiovisual. Sugestão: Amoras (Emicida), disponível no Youtube.

C. Algumas vezes as crianças podem se retratar não da maneira que são, mas sim da maneira que gostariam de ser. Estimule para que elas se observem no espelho e tentem ser fiéis à imagem.

DINÂMICA 12

LÁPIS CORES DE PELES

Objetivos:

- Estimular a percepção acerca da cor de pele das crianças;
 - Iniciar o debate sobre etnia.
- Faixa etária sugerida: 8 até 12 anos.

Materiais:

- Papel;
- Lápis de cor de cores variadas (diferentes tons das mesmas cores, levar os lápis em caixas misturadas).

Facilitação:

1. Gente, hoje vamos começar nossa atividade de uma forma um pouco diferente, que tal a gente começar fazendo um desenho de uma pessoa? Pode ser qualquer pessoa, vocês estão livres para desenhar e daqui 10 minutos a gente conversa um pouco mais.

2. Pessoal, muito legal esses desenhos, mas percebemos que vocês usaram só essa cor aqui para a pele das pessoas (apontar para o lápis mais usado), qual o nome dessa cor?

3. Alguns falaram bege e outros cor de pele, mas será que só existe essa cor de pele? Vamos olhar pras nossas peles e comparar com os lápis, tem outros lápis que são cor de pele?

4. Tem né? Então, vamos procurar lápis de cores de pele diferentes e vamos colocar no meio da nossa roda.

5. Olha só o tanto de cores de pele que a gente achou, né? A gente consegue ver que tem cores de peles mais claras e cores de peles mais escuras. Que tal a gente colocar em ordem para fica mais fácil achar a cor de pele que parece mais com a nossa pele?

6. Olha só, todo mundo achou uma cor de pele mais próxima da sua, não foi? (Debater sobre o assunto)

7. E agora, que tal a gente fazer um novo desenho, lembrando que existem esse tanto de cor de pele?



Observações e Dicas:

A. Caso as crianças já desenhem utilizando outras cores de pele esse pode ser um momento também para trazer a discussão a respeito da percepção das suas cores de pele. Elas sempre perceberam que existem tantas cores de pele assim? E seguir a atividade com as identificações dos lápis.

B. A discussão deve pautar também a autodeclaração, o respeito à diversidade e o reconhecimento de diferentes etnias no país. Sobre a autodeclaração, algo que sempre chama a atenção é que, em pesquisas sociodemográficas, por exemplo no Instituto Brasileiro de Geografia Es-

tatística (IBGE), muitas pessoas têm dificuldade de identificar e reconhecer a que raça/etnia pertencem. Por exemplo, pessoas pardas se reconhecerem enquanto negras.

C. Para facilitar o debate, indicamos o livro infantil e cearense: “Adojkê”, de Patrícia Matos.

**DIVERSIDADE
ÉTNICA E CULTURAL
DA POPULAÇÃO
INDÍGENA**

DINÂMICA 13

ONDE ESTÃO OS POVOS INDÍGENAS?

Objetivos:

- Apresentar aspectos de culturas indígenas;
- Desmistificar a imagem da população indígena, trabalhando com a decomposição de visões estereotipadas e preconceituosas.

Faixa etária indicada: 8 até 16 anos.

Materiais:

- Plantas medicinais;
- Papelão;
- Tinta;
- Clipes.
- Graveto;
- Barbante.

Facilitação:

1. Pessoal, hoje vamos conversar sobre a população indígena, queremos saber o que vocês sabem sobre esse assunto!

2. Vocês sabiam que existem vários povos indígenas diferentes? Cada povo tem um nome diferente, como se fosse um sobrenome, e em cada lugar existem diferentes práticas culturais. Aqui no nosso estado são 14 diferentes povos indígenas que moram por aqui, vamos ver aqui no mapa. (Mostrar mapa com informações sobre povos indígenas, localização no estado e falar um pouco de cada povo). Pois é, tem muita gente! Tem também, gente que mora

aqui em Fortaleza, por exemplo, estuda, faz faculdade e nem todo mundo mora em Ocas, como muita gente imagina.

3. As pessoas pensam que a cultura indígena é longe da nossa, mas tem muita coisa que a gente faz que é só graças aos indígenas. Por exemplo, a gente trouxe aqui algumas plantinhas para vocês conhecerem, essas plantas tem propriedades especiais, muitos povos indígenas já sabiam disso e usavam as plantas e só depois os cientistas viram que realmente elas tinham esses efeitos.

4. Essa aqui é a camomila, por exemplo, ela pode servir para dores, para acalmar e diminuir enjoo, aí a gente nem precisa comprar remédio

para isso. (falar sobre 3 ou 4 plantas medicinais);

5. Outra coisa que a gente faz também e que é culturalmente indígena é dormir de rede, quem aqui gosta de dormir de rede? Uma coisa muito legal da rede é que ela não fica no chão e isso pode proteger a gente de animais que estejam no solo, legal né? (falar de outras práticas culturais, por exemplo, tomar banho e comidas específicas);

6. Uma outra coisa que a gente poderia aprender, mas que às vezes não aprendemos tanto é conviver bem com a natureza e viver em coletivo! Sabiam que muitas das áreas de mata mais preservadas no nosso país é onde moram os povos indígenas?

7. Viver em coletivo é algo que faz bem parte da cultura indígena e pensar na coletividade faz parte desse cuidado com o todo, pensando nisso hoje a gente vai fazer uma pescaria colaborativa.

8. Vai ser assim, nós vamos fazer com esse papelão peixinhos com as palavras novas que aprendemos hoje, esses peixinhos podem ser bem coloridos e vocês podem usar essa tinta para pintar.

9. Agora que todo mundo fez seus peixinhos, nós vamos fazer a pescaria. Vocês vão ter que tentar com essa vara de pesca (graveto com barbante e cliques na ponta) pegar os peixinhos (peixe de papelão com cliques na ponta), mas o peixe só pode ser pescado

de vocês souberem responder o que é que significa esse palavra que está no peixe, todo mundo pode se ajudar.

10. A gente fez peixes com bônus, que não tem nenhuma palavra, mas que para pescar eles vocês precisam dizer algo novo que aprenderam hoje. Vamos nessa?



Observações e Dicas:

A. Antes de realizar essa atividade é importante que os(as) facilitadores(as) realizem uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema, dependendo de cada região os povos indígenas terão suas particularidades. Algo bem importante de não esquecer é que os povos indígenas são muito plurais e quando falamos de indígenas não estamos falando de um grupo homogêneo.

B. O uso de vídeos, músicas e a participação de convidados também podem tornar esse dia ainda mais especial.

C. Uma sugestão de atividade que também estimula o pensamento no coletivo e pode ser relacionado com

o tema é o jogo de tabuleiro indígena “Jogo da onça” ou “Adulgo”. Esse jogo pode ser jogado apenas com pedras e o seu tabuleiro pode ser desenhado no chão ou na areia. Para conferir mais sobre o jogo indicamos o instagram @jogodaonça.

**RESPEITO ÀS
PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA**

DINÂMICA 14

PALITINHO DAS DIFERENÇAS

Objetivos:

- Apresentar a importância do respeito para o trabalho em grupo;
- Estimular a relação de respeito e aceitação aos limites dos outros;
- Abrir o debate para falar sobre o respeito às pessoas com deficiência.

Faixa etária sugerida: 8 até 16 anos.

Materiais:

- Papel;
- Lápis ou Caneta;
- Pedaçoes de tecido para vendar os olhos;
- Fita gomada;
- Retalhos de tecidos ou cordas.



Facilitação:

1. Gente, hoje nossa atividade vai ser fazer um boneco de palitinho, vocês sabem como é? Assim, oh! (Fazer em uma lousa, papel ou cartolina um grande boneco de palitinho).

2. Fácil, né? Mas, para isso, vocês vão fazer juntos, em um grupo de quatro pessoas e cada pessoa vai fazer uma parte desse bonequinho. Façam seus grupos!

3. Agora, uma pessoa do grupo não conseguirá enxergar! (Vendar um participante de cada grupo);

4. Outra pessoa pode usar apenas o braço direito e não conseguirá ouvir, não vai poder falar e nem ouvir as instruções dos outros (Colocar a mão

de uma criança para trás e amarrar levemente na cadeira);

5. Outra pessoa pode usar apenas o braço esquerdo e também não poderá ouvir a discussão. (Colocar a mão de uma criança para trás e amarrar levemente na cadeira);

6. Só uma pessoa do grupo poderá falar, mas ela não vai poder usar os braços. (Colocar as duas mãos de uma criança para trás e amarrar levemente na cadeira).

7. Para fazer o desenho de palitinho cada um vai desenhar uma parte e passar a folha para a pessoa do seu lado esquerdo até que o bonequinho tenha cabeça, tronco, braços e pernas. Lembrem que só quem pode falar é a pessoa que não está usando os dois braços e nem enxergando.

8. Agora que vocês terminaram, podem tirar as vendas e ajudar as colegas a se desamarrarem.

9. O que vocês acharam dessa brincadeira? Como foi para vocês?

10. Uma das coisas legais da gente perceber é que, mesmo com as dificuldades, cada um(a) tinha uma forma de ajudar e construir um desenho em grupo. A gente também viu que os grupos que tiveram mais paciência e calma foram os que conseguiram fazer bonequinhos mais parecidos com esse que nós mostramos antes.

11. Outra coisa que a gente pode pensar com essa brincadeira é sobre como as pessoas com deficiência, ou seja, as que não enxergam, ouvem, ou usam os dois braços, são capazes de fazer as mesmas coisas

que pessoas que enxergam, ouvem e usam os dois braços fazem, a única diferença é que o ambiente precisa ser acessível para que elas também consigam fazer. Por exemplo, uma pessoa que é surda não vai falar português de forma oral, como nós falamos, mas ela pode falar em Libras, que é a língua brasileira de sinais. Se uma pessoa ouvinte souber falar libras, elas conseguem se comunicar.

Observações e Dicas:

A. Essa dinâmica é uma introdução para iniciarmos o debate de conhecimento sobre os diferentes tipos de deficiência existentes e sobre respeito e direitos das pessoas com deficiência. Faz parte do processo de respeito também a compreensão e entendimento sobre as deficiências e como um ambiente pode ser acessível para diferentes corpos. Por exemplo, algo que pode ser abordado é o porquê do termo “surdo-mudo” não ser algo que deva ser utilizado. Ou seja, uma pessoa que é surda, não necessariamente será muda.

B. Uma dica de filme que também pode ajudar para pensar em como

discutir esse assunto é “O Milagre de Anne Sullivan”. Para as crianças, esse é um filme que pode não ser muito atrativo, mas pode instigar a nós, educadores, a pensarmos sobre a temática.

DINÂMICA 15

SOZINHO SE VAI MAIS RÁPIDO, JUNTO SE VAI MAIS LONGE.

Objetivos:

- Demonstrar a importância de trabalhar de forma colaborativa;
- Aprofundar o debate para falar sobre o respeito às pessoas com deficiência.

Faixa etária sugerida: 8 até 16 anos.

Materiais:

- Papel;
- Lápis ou Canetas;
- Pedaco para vendar os olhos;
- Fita gomada;
- Retalhos de tecidos ou cordas.
- Copos;
- Cadeiras.

Facilitação:

1. Vocês estão vendo esses copos com canetas e bolinhas de papel colorido pregadas no chão? Essas cadeiras em diferentes lugares? Isso é o nosso circuito de hoje! Vamos fazer um circuito de obstáculos! Vocês vão fazer esse caminho aqui (demonstrar o caminho), mas sem tocar em nenhum desses obstáculos. Mas ao invés de fazerem sozinhos vocês farão em grupo. Formem grupos de três pessoas.

2. Todo mundo já está em um grupo? Agora, um grupo por vez vai fazer o circuito. Uma pessoa do grupo não conseguirá enxergar, para isso ela vai estar vendada. Outra pessoa

só vai poder usar uma perna e outra não poderá falar. Vocês podem guiar uns aos outros e o objetivo é que os três cheguem ao final do circuito juntos e sem derrubar ou encostar nos obstáculos. Todo mundo entendeu?

3. Agora que todos os grupos terminaram o circuito, o que foi que vocês perceberam?

Observações e Dicas:

A. A forma que cada um dos grupos irá se organizar pode ser variada e devemos respeitar a espontaneidade dos grupos, justamente para discutir coletivamente a partir dessa vivência.

B. Algo que deve ser reforçado é que o grupo de três pessoas deve chegar junto ao final do circuito, pois pode ocorrer de uma pessoa, por exemplo, a que pode usar os dois pés, mas não pode falar, fazer o circuito sozinha sem colaborar com os colegas.

C. Partindo da dinâmica é possível discutir que alguns obstáculos podem afetar de forma diferente a vida

de cada um e que adaptando essas formas todos podem chegar juntos e de forma amigável e colaborativa.

D. Apoiando-se na dinâmica outros pontos que podem ser trabalhados, por exemplo, são as cotas para pessoas com deficiência em seleções de vestibular e emprego e o porquê delas serem necessárias, tendo em vista que o mundo em que vivemos não é acessível para todos os corpos e as oportunidades não são distribuídas igualmente.



Foto: Davi Pinheiro em 2019

INCLUSÃO DIGITAL

INCLUSÃO DIGITAL DO INSTITUTO TRÊSMARES

Devido a pandemia de COVID-19 iniciada no ano de 2020, as atividades do Instituto Trêsmares presenciais foram interrompidas, seguindo as recomendações sanitárias da Organização Mundial de Saúde (OMS). Para dar continuidade às atividades, tivemos algumas dificuldades no processo de virtualização. Devido a baixa capacidade de arquivamento, tecnologia ultrapassada da maioria ou falta de acesso a aparelhos celulares

das pessoas atendidas pelo Instituto, enfrentamos alguns obstáculos para essa proposta. Além dos desafios já impostos ao trabalho virtual com crianças, como o distanciamento e falta de contato em atividades lúdicas. Dessa forma, encontramos, no aplicativo WhatsApp, uma ferramenta mais democrática e vimos a possibilidade de usá-lo para fins socioeducativos.

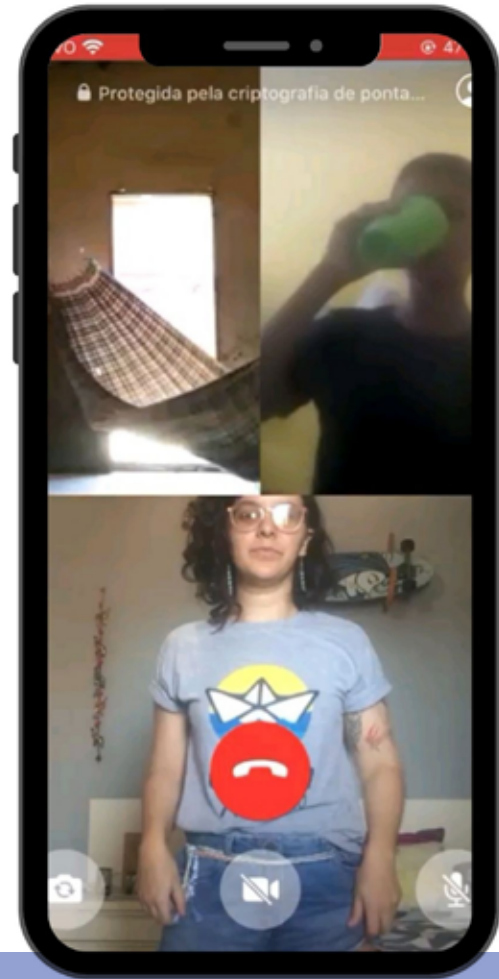
Como funciona:

Criamos um grupo de Whatsapp para manter contato com as crianças e organizamos, semanalmente, atividades virtuais. Em vídeo chamadas de até quatro aparelhos telefônicos, realizamos as atividades pensadas para o formato virtual. As crianças que não possuem celular, se reúnem

às crianças que têm e participam, presencialmente, da atividade virtual. Como o Instituto tinha, até o final do ano de 2020, o total de 20 crianças e só cabem 4 números telefônicos por chamada no aplicativo, nos dividimos em videoconferências simultâneas, tendo um(a) facilitador(a) em cada chamada, com grupos diferentes de crianças desempenhando a mesma atividade, simultaneamente.

Observações e dicas:

1. É importante estimular que participem até 2 ou 3 crianças pelo mesmo aparelho celular, buscando manter o foco na atividade virtual e na interação com as crianças participantes da videoconferência.



DINÂMICA 16

EU NUNCA, EU JÁ DO(A)

(INSIRA AQUI A LOCALIDADE EM
QUE AS CRIANÇAS RESIDEM).

Faixa etária sugerida: 7 a 12 anos



Objetivos:

- Trabalhar territorialidade e sentimento de pertença.
- Partilhar vivências e experiências de cada criança em seu território.

Materiais:

- Celulares com acesso ao aplicativo WhatsApp
- Criação de letra adaptada ao contexto do bairro onde as crianças moram com base na música “Eu nunca, eu já”. Exemplo: (<https://www.youtube.com/watch?v=xBM5ewyY8n4>)
- Reunir tópicos de práticas locais com as crianças. Exemplo: Tomar banho de mar na praia mansa. Comer o churrasquinho da Carleide.

Facilitação:

- 1.** Gente, hoje nós vamos fazer a brincadeira do Eu nunca, Eu já. Quem aí já brincou?
- 2.** Então, vai ser o seguinte. Quando tocar a música, vocês vão se movimentar de acordo com o que vocês já fizeram ou não fizeram aqui no bairro. Se vocês já fizeram, dê um passinho pra direita. Se nunca fizeram, dá um passinho pra esquerda.
- 3.** Vamos fazer um teste.
- 4.** Já brincou de bola no Farol? (Eu nunca, Eu já)
- 5.** Eu fui pro lado direito porque eu já brinquei de bola lá. Não ganhei, mas o que importa é participar.
- 6.** Então quando tocar a música, a letra vai falar sobre coisas que vocês fazem aqui no bairro e vocês vão se

mexer dependendo do que fizeram ou não, de acordo com o que a música disser. Vamos lá?

Observações e dicas:

A. A brincadeira também pode ser enunciada em voz alta, sem necessariamente ter que criar uma música.

B. As crianças podem se movimentar como preferir: para direita/esquerda, pulando/abaixando... Como for mais divertido para o grupo.

DINÂMICA 17

QUEM CONTA UM CONTO, AUMENTA UM PONTO

- Espaço de média mobilidade
- Narrador(a)

Faixa etária sugerida: 7 a 12 anos.

Materiais:

- Celulares com acesso a aplicativo de videoconferência.
- Confecção de cartinhas com fotos/desenhos que funcionem como indutores da história

Facilitação:

1. A brincadeira de hoje vai ser uma contação de histórias que nós vamos construir coletivamente! Cada pessoa vai acrescentar, pelo menos, uma frase à história.

2. Eu vou mostrar uma cartinha por vez para vocês e, na sua vez, você vai ter que colocar essa imagem na história, com pelo menos uma frase. Em seguida, a próxima pessoa vai ter que inserir a imagem da cartinha dela no cenário que já está sendo montado. Por exemplo: A minha cartinha é um senhor em uma cadeira de balanço na calçada. Então vamos lá.

3. Eu estava passeando pelo bairro quando vi o Sr. Dudé sentado em

uma cadeira de balanço observando o concerto da fiação em frente a casa dele.

4. Aí a cartinha da Gabi é uma menina jogando bola. Essa menina jogando bola vai ter que entrar na mesma história que o Sr. Dudé está. Por exemplo: A Gabi estava escondida porque quando estava jogando futebol, chutou a bola tão forte, mas tão forte, que bateu no fio da casa do Sr. Dudé e agora a mãe dela estava procurando por ela. E por aí em diante.



Contação de
histórias



Observações e dicas:

A. É importante que a narradora vá juntando as passagens da história para costurá-la. Sempre que uma frase for acrescentada, é interessante que seja recapitulado o contexto anterior da história até aquele momento, para que a construção da narrativa fique mais linear e compreensível.

B. Os(as) facilitadores(as) também participam da contação.

C. As cartinhas podem ter temas diferentes, mesclando elementos da realidade das crianças e elementos de fantasia, que estimulem a imaginação.

DINÂMICA 18

TITÃ E AÇÃO

Objetivos:

Trabalhar territorialidade e corporalidade

Faixa etária sugerida: 7 a 12 anos.



Materiais:

- Celulares com acesso a aplicativo de videoconferência.

- Cartinhas previamente confeccionadas com palavras e/ou imagens de temas relacionados à localidade em que as crianças residem, podendo ser divididas em categorias, como esporte, lugar, comida. Por exemplo: Surf, Farol, Côco.

- Espaço de média mobilidade

Facilitação:

1. A brincadeira de hoje vai ser de mímica!

2. Nós vamos enviar para cada participante no seu chat privado a cartinha para que você possa jogar.

3. Uma pessoa de cada vez, você vai ter que fazer uma mímica para representar a cartinha que recebeu.

4. Uma dica! Todas as cartinhas tem a ver com o bairro!

Observações e dicas:

A. Dependendo do número de crianças na chamada, a brincadeira pode ser dividida em pequenos grupos ou a mímica pode ser feita para o grupo todo.

B. Caso o número de crianças seja o suficiente para fazer mais de uma chamada, com diferentes grupos simultâneos, pode ser calculada a pontuação das equipes, ganhando a equipe que pontuar mais. Caso contrário, as pontuações são individuais, pontuando a criança que adivinhar corretamente.

C. Na cartinha, o desenho/imagem deve ser acompanhado da palavra exata que representa.

DINÂMICA 19

MOVIMENTO SEM FIO

Faixa etária sugerida: 7 a 12 anos.

Materiais:

- Celulares com acesso a aplicativo de videoconferência.
- Espaço de média mobilidade



Facilitação:

1. (Para realizar essa atividade, os(as) facilitadores(as) devem criar um movimento que será repassado como uma mensagem para os grupos. Após criado o movimento, os(as) facilitadores(as) irão estabelecer uma ordem entre os grupos, de modo que seja estabelecida uma lógica de começo e fim para a sequência em que os movimentos serão repassados, em uma espécie de telefone sem fio de movimentos. Um dos grupos irá iniciar o movimento, e um(a) integrante desse grupo irá entrar em outra vídeo chamada de Whatsapp com o segundo grupo para mostrar o movimento. Após a demonstração, o(a) integrante sai da chamada e re-

torna à videochamada em que estava anteriormente. Assim ocorre sucessivamente até que todos os grupos tenham recebido uma ligação de um(a) participante do grupo anterior).

2. Vocês já ouviram falar daquela brincadeira “Telefone sem fio?” E como é?

3. Uma pessoa começa falando uma palavra e cochicha pra outra, que cochicha pra outra, que cochicha pra outra, até chegar na última e a gente vê se a palavra é a mesma de quando começou, não é?

4. Então, hoje nós vamos fazer isso, só que com movimentos! Vou explicar.

5. A Letícia vai entrar na nossa chamada de grupo e vai ensinar pra gente um movimento e depois vai sair

da nossa chamada e vai pra chamada de grupo com o grupo 2. Depois que a Letícia sair, a Laura vai entrar na nossa chamada de grupo e a gente vai ensinar pra ela o movimento que aprendemos com a Letícia para que ela leve para a chamada do grupo 3. O grupo 3 vai aprender o movimento com a Laura e o Juan vai entrar na chamada do grupo 3 para aprender o movimento e repetir o movimento que aprendeu anteriormente para o grupo 4. E assim por diante. O nosso objetivo é que o movimento do grupo 1 seja reproduzido da mesma forma para o último grupo.

6. Um(a) representante do primeiro e do último grupo vão filmar o movimento que começou e o que terminou e enviar para o nosso grupo de

Whatsapp e, no final, nós vamos ver como o movimento se modificou ao longo dos grupos.

Observações e dicas:

A. O número de grupos vai depender do número de crianças e facilitadores disponíveis. É interessante que cada grupo tenha pelo menos um(a) facilitador(a).

DINÂMICA 20

TIKTAN (TIKTOK DO TITANZINHO)

Objetivos

Trabalhar identidade e corporalidade

Materiais necessários:

- Celulares com acesso a aplicativo de videoconferência.
- Espaço de média mobilidade

Passinho



Facilitação:

1. Quem lembra da música que a gente escolheu? Hoje vamos criar uma coreografia para ela. Cada pessoa vai criar dois passinhos de dança. O primeiro vai ser um que a represente, seja características físicas, de personalidade ou de interesses. Por exemplo: Eu tenho o cabelo cacheado, então meu passinho poderia ser um dedo simulando o enroladinho do meu cabelo. Ou, por exemplo, sou uma pessoa paciente e meu passinho poderia simular o ato de meditar. E o segundo vai ser um passinho que você vai criar para outra pessoa reproduzir. Fica a vontade para fazer um passinho do jeito que você quiser!

2. Massa! Então a gente vai fazer assim. Cada pessoa vai ensinar o passinhos que as representam e dizer o motivo da escolha do passo.

3. (Depois que aprendemos todos os passos criados para representá-las, passamos para o segundo passinho que foi solicitado. Incentivar que criem passos mais descontraídos, já que outra pessoa quem vai reproduzir)

4. Vamos fazer a coreografia coletiva, somando todos os passinhos que representam vocês.

5. Agora o feitiço vira contra o feitiço! Depois que aprendemos o passinho que representa cada um(a), você vai reproduzir o passo maluco que criou para outra pessoa fazer! Então a coreografia tem dois mo-

mentos. Na primeira parte, todo mundo faz a soma dos passinhos que representam cada um(a) de nós. Na segunda parte, cada um(a) vai fazer, simultaneamente, o passinho que criou para a outra pessoa fazer. E, no final, juntamos as duas partes. Vamos dançar! (Coloque a música escolhida para tocar).

Observações e dicas:

A. Os passinhos que são relativos a identidade não precisam seguir tópicos específicos. A criança se apresenta como achar melhor, podendo ser, inclusive, através do seu signo astrológico.

B. Criar enquete prévia para decidir qual música será tema da coreografia coletiva que vamos construir, com o intuito de escolher alguma música que as mobilize a querer dançar através das telas de celulares.

OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES
OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES
OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES
OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES
OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES
OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES
OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES • OUTROS MARES

REALIZAÇÃO:



APOIO:

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI
**ALDIR
BLANC**
DE INSTITUIÇÃO DO FUNDO
CEARÁ



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria de Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

